

## EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE ALUNOS AUTISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA EXPERIÊNCIA NO MUNICÍPIO DA SERRA-ES

<sup>1</sup>Crislaine Santos Freire; Lucas Rodrigues Santana Junior; Olívia Rodrigues Deriz;

<sup>2</sup>Lorena Nascimento

<sup>1</sup> Acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física MULTIVIX - Serra

<sup>2</sup> Mestre – Docente MULTIVIX – Serra

### RESUMO

A inclusão de alunos autistas nas aulas de Educação Física está além de somente inseri-los na quadra desportiva escolar. A prática das atividades desenvolvidas durante as aulas podem beneficiar o aluno quanto ao seu desempenho escolar, desenvolvimento motor e social que comumente são afetados pela condição autista. O objetivo da pesquisa é o de investigar a importância da prática docente na inclusão de aluno com TEA na aula de educação física. Trata-se de uma pesquisa de observação participante, com abordagem qualitativa e registro em diário de campo. Os resultados mostraram que a prática docente é fundamental para auxiliar o desenvolvimento motor e social dos alunos com autismo. Conclui-se que a prática docente foi apresentada de forma consistente e relevante para a manutenção da inclusão de alunos com TEA nas aulas de Educação Física.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista; Educação Física; Inclusão; Educação.

### 1. INTRODUÇÃO

As reflexões e os debates acerca da Educação Inclusiva têm-se modificado ao longo dos anos na medida em que a compreensão de sua complexidade e abrangência vão se aprofundado (MARINHO et al., 2017). No entanto, dentre todos os documentos que discutem este tema, consideram-se 04 pilares que sustentam a

---

<sup>1</sup> Graduandos do Curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Multivix – Serra.

<sup>2</sup> Professora orientadora do curso de Educação Física da Faculdade Multivix.

base da inclusão: 1) A inclusão é um processo cuja finalidade é a de tornar a escola uma estrutura totalmente inclusiva; 2) Visa a presença e a participação do aluno no processo de ensino e aprendizagem; 3) Identificação e remoção das barreiras (sociais, econômicas) que dificultam a aprendizagem, e 4) A inclusão dirige-se para todos os alunos sem diferença (SANCHES; TAVEIRA, 2020).

Ao se falar de educação inclusiva, embora deva ser um termo usado para incluir todos os alunos, notoriamente, este termo é associado às necessidades das pessoas com deficiência e à relação entre educação especial e sua modalidade regular de ensino. Para Mantoan (2006, p. 19), a educação inclusiva, dentre suas várias vertentes, pode ser “definida como a prática da inclusão de todos independente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural, em escolas e salas de aula onde as necessidades desses alunos sejam satisfeitas”.

Desta forma, a inclusão na educação é um movimento que promove a reflexão acerca do papel da escola na formação de indivíduos em suas diferentes características como gênero, idade, classe social, cultural, necessidades especiais, dentre outras. Assim, para que a inclusão escolar seja de fato praticada, é necessário que diferentes desafios sejam ultrapassados, dentre eles, a definição de formas pedagógicas mais atuais, qualificação dos professores para serem capazes trabalhar com as diferenças de maneira que todos estejam incluídos (MACIEL, 2021).

Neste cenário, a inclusão de alunos portadores de necessidades especiais tem aumentado nas escolas regulares de ensino, demonstrando que o acesso a educação tem sido um direito garantido a esses alunos por meio da educação especial. Os alunos considerados público-alvo da educação especial são aqueles com deficiência (física, mental, visual, sensorial e intelectual), transtornos globais de desenvolvimento (TGD) e com altas habilidades/superdotação (SANCHES; TAVEIRA, 2020).

Assim, a escola como um espaço integrador, inclusivo e educativo tem o importante papel de incluir esses alunos e desenvolver não somente suas habilidades motoras, mas também a socialização, a formação cidadã e a preparação para os desafios do mundo, inclusive para os alunos com autismo (NAZARI; NAZARI; GOMES, 2017).

O termo autismo tem origem na palavra grega *autos*, que significa ‘em si mesmo’, sendo esta uma das principais características do autista, a introspecção. Esta dificuldade de interagir com o meio pode ser observado com a retração e o isolamento social, dificuldade em fixar o olhar, sensibilidade excessiva, resistência a mudança na

rotina, dentre outros. O autismo pode ser identificado já nos primeiros anos de vida da criança ao perceber a falta de verbalização na fase apropriada (JERUSALINSKY, 2017).

Comumente é na escola que os sintomas costumam ser observados e por meio de uma avaliação diagnóstica o aluno é encaminhado a um profissional habilitado para a determinação ou não do diagnóstico autista. Assim, a escola desempenha o importante papel no processo de inclusão deste indivíduo (SANCHES; TAVEIRA, 2020).

Para que isso ocorra, o desenvolvimento das atividades pedagógicas deve estar centrado em possibilitar e proporcionar maior comunicação entre o aluno e o ambiente ao seu redor, com atividades que possam produzir significado no processo de aprendizagem (NAZARI; NAZARI; GOMES, 2017).

O indivíduo com autismo apresenta ineficiência nas capacidades motoras e psicomotoras, pensando neste aspecto, Maciel (2021, p. 03), destaca que,

A Educação Física adaptada vem se tornando uma área do conhecimento em educação física e dos esportes que tem por objetivo incluir e privilegiar as demais populações que em grande escala é caracterizada como pessoas com deficiência como atualmente e conhecida, deste modo desenvolvem-se as capacidades físicas cognitivas e motoras desta população através de atividades psicomotoras, esporte com cunho pedagógico e recreação, dentro do âmbito de lazer de forma elabora especificamente para esta classe de pessoas com técnicas de orientação e locomoção específicas (MACIEL, 2021, p. 03).

Neste contexto, se observa a possibilidade de auxiliar os alunos autistas em todas as fases do desenvolvimento, bem como integrar nos diferentes grupos escolares, desta forma professor irá auxiliar este aluno para a superação das dificuldades encontradas na estigmatização que são impostas à deficiência observada no espaço em que frequentam (OLIVEIRA, 2020).

Durante o processo de formação acadêmica, nos períodos práticos dos estágios, fora observado situações de dificuldades enfrentadas por professores de Educação Física no processo de educação inclusiva de alunos com deficiências, sobretudo, um aluno autista de uma turma do 4º ano do ensino fundamental I. Diversas dúvidas foram surgindo junto a experiência prática durante as aulas, dentre elas as questões que norteiam a inclusão desses alunos nas aulas de Educação Física, como por exemplo as limitações de alunos autistas, até onde o professor deve insistir em aplicar as aulas e como essa prática deve ser realizada destacando as possibilidades e os benefícios desta disciplina para alunos autistas .

Desta forma a pesquisa torna-se relevante por trazer à tona um tema ainda tão discutido e que enfrenta diversos desafios em sua prática. Assim, realizar este projeto de pesquisa servirá de subsídio para futuros professores de Educação Física que poderão perceber o processo realizado para identificar barreiras e facilitadores na inclusão dos alunos com autismo, ajustando para seu contexto social, fazendo assim, com que elimine essas barreiras e promova um processo de ensino aprendizagem mais produtivo e eficaz para este aluno.

Portanto, torna-se relevante discutir sobre os aspectos do autismo, bem como mostra-se ser relevante a inclusão dos alunos autistas nas aulas de educação física sendo aplicada de forma lúdica, cooperativa e inclusiva, se mostrando um benefício não apenas para o aluno autista, mas para toda a turma, desenvolvendo não apenas habilidades motoras, mas também agregar valores que venham dar subsídios para sua construção como cidadão, uma das funções da Educação Física escolar (JERUSALINSKY, 2017).

Quais são os limites e possibilidades para a inclusão de alunos autistas de uma turma do 4º ano do ensino fundamental I nas aulas de Educação Física em uma escola no município da Serra - ES?

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

O Ensino Fundamental é a etapa mais extensa que compõe a Educação básica. Com nove anos de duração, esta etapa atende aos alunos de 6 a 14 anos. Nesta fase da vida, os alunos experimentam suas mudanças físicas, cognitivas e sociais dentro do contexto escolar, onde o ensino fundamental é dividido em duas etapas: Anos iniciais (1º ao 5º ano) – 6 a 10 anos e Anos finais (6º ao 9º ano) – 11 a 14 anos (RODRIGUES; MELCHIORI, 2014).

Durante o ensino fundamental em seus anos finais,

[...] os estudantes se deparam com desafios de maior complexidade, sobretudo devido à necessidade de se apropriarem das diferentes lógicas de organização dos conhecimentos relacionados às áreas. Tendo em vista essa maior especialização, é importante, nos vários componentes curriculares, retomar e ressignificar as aprendizagens do Ensino Fundamental – Anos Iniciais no contexto das diferentes áreas, visando ao aprofundamento e à ampliação de repertórios dos estudantes. Nesse sentido, também é importante fortalecer a autonomia desses adolescentes, oferecendo-lhes condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação (BNCC, 2018, p. 60).

Os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental correspondem ao grupo que estão em fase de transição escolar e demarcando o fim da infância para iniciar a adolescência. A adolescência é considerada um fenômeno social e cultural observado por diferentes óticas a depender do seu contexto social. Junto a essa fase se inicia a puberdade (RODRIGUES; MELCHIORI, 2014).

A puberdade representa uma importante fase no desenvolvimento humano, pois representa para o futuro adolescente um mundo desconhecido e cheio de mudanças. A criança, em pouco tempo, percebe o rápido crescimento do próprio corpo. E todas estas mudanças são vivenciadas regularmente no ambiente escolar, onde estes indivíduos passam uma parte significativa de suas vidas durante uma longa jornada de anos (GONÇALVES, 2016).

Diante dessas mudanças a escola se vê em uma posição de desafio quanto ao cumprimento do seu papel em relação à formação cognitiva, social e cidadã das novas gerações. Logo, torna-se relevante que a instituição escolar preserve seu compromisso de estimular a reflexão e a análise aprofundada e contribua para o desenvolvimento emocional, físico e afetivo deste estudante (RODRIGUES; MELCHIORI, 2014).

Nessa direção,

No Ensino Fundamental – Anos Finais, a escola pode contribuir para o delineamento do projeto de vida dos estudantes, ao estabelecer uma articulação não somente com os anseios desses jovens em relação ao seu futuro, como também com a continuidade dos estudos no Ensino Médio. Esse processo de reflexão sobre o que cada jovem quer ser no futuro, e de planejamento de ações para construir esse futuro, pode representar mais uma possibilidade de desenvolvimento pessoal e social (BNCC, 2018, p. 62).

Neste cenário, as disciplinas curriculares representam uma importante ferramenta nesta fase de transição e orientação a estes adolescentes, para além de seus conteúdos programáticos, mas também para a formação cidadã, emocional e afetiva, auxiliando de forma constante o recém adolescente em suas angustias, dúvidas, descobertas e transformações (MARINHO *et al.*, 2017).

Não diferente, tem-se a disciplina de Educação Física, componente curricular obrigatório da grade de ensino de todas as fases da Educação Básica. Nesta disciplina ocorre a preocupação em enfatizar as práticas corporais nas suas mais diferentes formas de codificação e significância social, compreendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, criadas por diferentes grupos sociais ao longo da história humana (DIAS FILHO, 2019).

Segundo Arlindo Junior (2013), a Educação Física no contexto escolar está relacionada à cultura corporal de movimento em todas as etapas da Educação Básica e deve ser adequada aos diferentes níveis de ensino. No ensino fundamental II, a Educação Física deve desenvolver o seu trabalho estreitando as relações entre teoria e prática e inovando pedagogicamente,

[...] a fim de seguir contribuindo para a formação integral dos adolescentes e para a apropriação crítica da cultura corporal de movimento. Assim, a formação do adolescente passa a ser concebida como uma educação integral corpo, mente e espírito, somadas à educação intelectual e à educação moral como desenvolvimento pleno da personalidade (MEDEIROS, 2016, p. 19).

Arlindo Junior (2013), afirma que nos anos finais, visam um profundo conhecimento teórico do professor que exigem estudos e reflexões que fomentem o aprendizado, o questionamento e motivem os alunos a se aprofundarem nos conhecimentos para além da prática esportiva, mas o conhecimento do corpo, dos limites e superações, da convivência e da prática social.

Para Dias Filho (2019), as atividades desenvolvidas (físicas e desportivas), exploram diversos aspectos que fazem parte do cotidiano dos alunos dentro e fora da escola, como,

a interação entre colegas num contexto lúdico e fora da sala de aula. Isto porque, uma vez que o desenvolvimento físico do aluno atinge estádios qualitativos que precedem o desenvolvimento cognitivo e social, além de proporcionar aos alunos experiências concretas, necessárias às abstrações e operações cognitivas. Outro aspecto importante é o que diz respeito à promoção concedida na cooperação de jogos e exercícios entre os alunos, o que lhes permite compreender e aplicar as regras combinadas, bem como os princípios de cordialidade e respeito nas relações criança-criança e adulto-criança (DIAS FILHO, 2019, p. 26).

Os estudos de Lara e Pinto (2017), afirmam que a prática das atividades físicas entre adolescentes no espaço escolar contribui para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor dos alunos, de forma a também promover um ambiente favorável a coletividade, cooperação, socialização e o respeito entre eles, independente das limitações físicas, psíquicas e intelectuais destes alunos.

Desta maneira, o ensino da prática de Educação Física escolar deve contemplar as três dimensões: “o saber fazer, o saber sobre e o saber ser, e dessa forma ter sua própria autonomia para saber como, quando e porque realizar atividades que promova e incentive o desenvolvimento das habilidades motoras” (MACIEL, 2014, p. 01).

Em suma, a Educação Física no contexto dos anos finais do Ensino Fundamental é relevante para o desenvolvimento geral e integral de adolescentes.

Para tanto, é relevante que o professor esteja atento a realidade da escola em que atua, a realidade da classe em que leciona, como situação social dos alunos, percepção da comunidade escolar e o trabalho com a inclusão de alunos considerados especiais, dentre eles o autista (MEDEIROS, 2016).

## 2.2 AUTISMO: CONCEITO, DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA ESCOLA

O termo autismo foi utilizado em 1943 pelo psiquiatra Leo Kanner (1894-1981), sendo inicialmente descrito como Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, uma condição em que as características comportamentais dos portadores são bem específicas, como:

Perturbações das relações afetivas com o meio, solidão autística extrema, inabilidade no uso da linguagem para comunicação, presença de boas potencialidades cognitivas, aspecto físico aparentemente, normal, comportamentos ritualísticos, início precoce e incidência predominante no sexo masculino (NAZARI; NAZARI; GOMES, 2017, p. 03).

Em 1944, o médico Johann Hans Friedrich Karl Asperger (1906-1980), denominou o autismo como Psicopatia Autística, manifestada por transtorno severo na interação social, uso pedante da fala, desajeitamento motor e incidência apenas no sexo masculino (NAZARI; NAZARI; GOMES, 2017).

A versão V do Manual de Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais de 2014, classifica o autismo como um transtorno neurodesenvolvimento,

Os transtornos tipicamente se manifestam cedo no desenvolvimento, em geral antes de a criança ingressar na escola, sendo caracterizados por déficits no desenvolvimento que acarretam prejuízos no funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional. Os déficits de desenvolvimento variam desde limitações muito específicas na aprendizagem ou no controle de funções executivas até prejuízos globais em habilidades sociais ou inteligência (DSM-5, 2014, 50).

Na sequência, o CID-10, define o autismo como TGD caracterizado por um desenvolvimento incompatível da criança antes dos 3 anos de idade e inquietação ou perturbação característica do desenvolvimento nos domínios: interações sociais, comunicação, comportamento focalizado e repetitivo. Além disso, o autismo é acompanhado de outras manifestações inespecíficas, como: seletividade alimentar, fobias, sono agitado, crises de birra, agressividade e auto agressividade (OMS, 2008).

O autismo é dividido em três níveis: leve (pouca necessidade de suporte), moderado (suporte necessário e razoável) e severo (alta necessidade de suporte). Dentre os principais sintomas do desenvolvimento do autismo estão: movimentos

corporais repetitivos, dificuldade em manter e/ou iniciar a vida social, informações sensoriais excessivamente sensíveis, falta ou lentidão no desenvolvimento da fala, desequilíbrio emocional em mudança de rotina, retração social, ausência e/ou dificuldade em estabelecer contato visual, introversão, comportamentos repetitivos ou incomuns, dentre outros (CUNHA, 2016).

De acordo com Fávero e Santos, (2005), as crianças autistas demonstram isolamento - comportamentos característicos do transtorno - desde muito cedo, nos primeiros anos de vida, bem como dificuldade em desenvolver relações pessoais e formar vínculo com a figura materna, estas são características observadas precocemente. As crianças autistas apresentam dificuldades em criar amizades, não demonstram interesse em jogos de grupo e cooperativos e demonstram pouca emoção, pouca simpatia ou pouca empatia por outros.

Todavia, a intensa busca pela compreensão do autismo no decorrer dos anos desencadeou importantes avanços científicos e relevantes entendimentos acerca do autismo tem evoluído cada vez mais e estereótipos e crenças tem se desfeito. Com esses avanços, o diagnóstico deste transtorno tem sido cada vez mais eficaz, com mais perspectivas de desenvolvimento que podem contribuir com a aceitação familiar, considerada um grande desafio no processo de adaptação (PEREIRA, 2018).

Além disso, contribui significativamente no processo de escolarização deste indivíduo. Onde a comunidade escolar, e, principalmente o professor terão condições de atender este tipo de aluno com respeito e conhecimento de como deve conduzir o ensino. No entanto, também surgem algumas dificuldades no que concerne as suas garantias, inclusive, na inclusão no sistema educacional (FÁVERO; SANTOS, 2005).

Segundo Freitas (2022, p.97),

O maior instituto legislativo que representou o verdadeiro avanço para os portadores do transtorno do espectro autismo foi a Lei nº 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana, através dela o autismo passou a estar presente de forma clara nos textos legais e demais documentos. Essa lei possui esse nome como forma de homenagem a luta de uma mãe pelos direitos de seu filho autista e essa lei, regulamenta os direitos dos portadores do Transtorno do Espectro Autista, e dentro dessa lei, possui um rol dos direitos aos portadores de TEA e a maior conquista dentro dessa lei, veio em seu Art. 1º, §2º que estabelece que a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

Ressalta-se que o autismo não dever ser considerado uma doença, este é um transtorno chamado transtorno do Espectro Autista, sendo classificado como uma síndrome, um Transtorno Global do Desenvolvimento Global, e como cada indivíduo que possui esse transtorno tem suas singularidades, não se deve determinar o

autismo a apenas um único conceito e definir suas características como únicas e imutáveis (LARA; PINTO, 2017).

Pois cada caso apresenta suas particularidades e deve ser analisado de maneira interdisciplinar respeitando o indivíduo acometido, mas, o que se pode afirmar é que o quanto antes o autismo for diagnosticado melhores serão as condições de intervenção e tratamento que culminam na qualidade de vida do autista e dos envolvidos (FREITAS, 2022).

No que tange o processo de escolarização, um dos maiores desafios da atualidade é proporcionar uma educação para todos, sem distinções e preconceitos, além de assegurar um trabalho educativo organizado e adaptado para atender às Necessidades Educacionais Especiais dos alunos. Os alunos que apresentam dificuldades especiais na educação devem ser atendidos de forma a conseguirem acompanhar a turma de maneira clara e com aprendizado (OLIVEIRA, 2020).

Neste sentido o profissional da educação deve delinear caminhos alternativos para alcançar este aprendizado. Miranda e Galvão Filho (2012, p. 12) salientam que, “nesse processo, o educador precisa saber potencializar a autonomia, a criatividade e a comunicação dos estudantes, e, por sua vez, tornar-se produtor de seu próprio saber”.

Logo, o aluno com TEA esboça características que comprometem todas as áreas de interação, começando pelas relações interpessoais, passando pela interação com o ambiente a até o processo de ensino aprendizagem. Por esta razão, o professor deve ter conhecimento destas características para que as possibilidades de ensino aprendizagem sejam ofertadas a este aluno (OLIVEIRA, 2020).

Assim, a escola tem o importante papel na investigação diagnóstica, pois é neste espaço que o aluno autista desempenha suas primeiras interações sociais fora do seio familiar, e por conseguinte, a criança apresentará grande dificuldade em adaptar-se às regras e costumes deste novo espaço. Sabe-se que o aluno com autismo aprende, contudo, exige tempo e espaço para que o processo de ensino e aprendizagem se liguem na construção do conhecimento (CUNHA, 2016).

Para tanto, o professor deve aplicar atividades que possibilitem e favoreçam o processo de ensino-aprendizagem, aguçando a consciência sensorial motor fino e grosso, psicomotoras, atividades que auxiliem no desenvolvimento motor. Ou seja, atividades que explorem a sensibilidade física deste aluno.

Segundo Oliveira (2020, p. 01),

É provável que o aluno, no início de seu convívio com o professor, demonstre agressividade, desinteresse, porém, cabe ao educador criar estratégias que diminuam essas problemáticas e conduzir os conteúdos pertinentes ao seu desenvolvimento. Trabalhar com crianças com autismo é um desafio diário. O professor terá que perceber as dificuldades, as limitações e as potencialidades, gostos e estímulos que mais o auxiliarão a atingir os objetivos com esses alunos.

Portanto, tanto a escola quanto o professor, desempenham um importante papel nas possibilidades curriculares para o aluno autista ao iniciar o processo de inclusão deste indivíduo no espaço escolar. Uma vez que a inclusão é realizada de forma correta e habilidosa, diferentes oportunidades podem saltar às crianças com autismo. Ou seja, compreender as características e entender que cada indivíduo apresenta sua particularidade na manifestação do autismo, as estratégias adotadas irão instigar os seus pontos fortes, interesses e habilidades em potencial (MACIEL, 2021).

### 2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA E O SEU PAPEL NO AUTISMO

A Educação Física escolar atua como um processo de formação social, corporal e comportamental estando presente em todas as formações sociais humanas. A compreensão da Educação Física escolar se baseia no uso de instrumento capazes de beneficiar no processo de ensino aprendizagem, bem como trazer a reflexão da sua própria prática como disciplina (SILVA; SOUSA; VIDAL, 2005).

Na espaço escolar, a disciplina de Educação Física exerce um papel importante na grade curricular, para além das atividades recreativas, como muitos a definem, o papel da Educação Física implica em estimular a capacidade da criança de se transformar, de se manter em movimento e de se auto conhecer e se conhecer o “meio ambiente em que vive se transforma e deste a educação Física desempenha um papel formidável na extensão dos limites do crescimento e do seu desenvolvimento, sendo este um processo demorado e sucessivo” (MACIEL, 2014, p. 01).

O profissional que atua na disciplina de Educação Física,

[...] precisa assumir na escola a responsabilidade de formar cidadãos capazes de se posicionar criticamente diante de novas formas de cultura corporal de movimento. Formando o cidadão que vai produzir reproduzir e transformar essa cultura corporal. Assim, é tarefa da Educação Física é a de preparar o aluno para ser um praticante lúdico e ativo, que incorpore o esporte e os demais componentes da cultura corporal em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível (MACIEL, 2021, p. 03).

Beltrami (2017), afirma que a disciplina de Educação Física desempenha práticas que podem e devem ser aplicadas nas mais diferentes deficiências, inclusive

em síndromes e transtorno, assim pode auxiliar no tratamento do autismo. A atividade física apresenta importante papel para os indivíduos autistas, pois alguns exercícios podem oferecer mais efeitos do que outros para a redução de problemas comportamentais e de socialização.

Segundo Lara e Pinto (2017, p. 69), nas aulas de Educação Física,

O professor pode explorar variáveis dentro da prática da educação física para fomentar processos inclusivos, além de viabilizar uma melhor aceitação do outro e de si mesmo. A educação física mediada por um professor inovador pode ser uma forma criativa de desvencilhar preconceitos e aumentar formas de efetiva inclusão.

Em outra perspectiva, o planejamento é um importante aliado do professor para desenvolver práticas que favoreça o desenvolvimento do aluno autista, bem como dos alunos ditos normais. Neste momento, o professor incorpora aspectos que transcendam o conhecimento técnico-científico para o teórico-prático. Como por exemplo, compreender a preservação da rotina, visto que para o autista, a quebra da rotina pode significar um momento altamente estressante podendo gerar crises difíceis de controlar (WILLIAMS; WRIGHT, 2020).

A Educação Física escolar apresenta um importante papel na inclusão da criança autista, pois traz a reflexão da prática pedagógica no processo da inclusão, onde,

A sistematização de objetivos, conteúdos, processos de ensino e aprendizagem e avaliação tem como meta a inclusão do aluno na cultura corporal de movimento, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas. Busca-se reverter o quadro histórico da área de seleção entre indivíduos aptos e inaptos para as práticas corporais, resultante da valorização exacerbada do desempenho e da eficiência (BRASIL, 1997, p. 15).

Neste aspecto, é relevante que a formação do professor de Educação Física seja continua visando a recorrente mudança no processo de ensino-aprendizagem quando necessário para promova um ensino de qualidade e inclusão deste aluno. A Educação Física propicia aos alunos autistas novas formas de expressão, além de obter um grande benefício à saúde e melhora nas áreas psicomotora, social e cardiovascular, bem como mitigando comportamentos como: falta de atenção, impulsividade e hiperatividade (ARAÚJO, 2019).

Para Pereira et al. (2019), o processo de inclusão exige tempo e paciência e requer modificações e adaptações no atendimento a estes alunos, de forma a adaptar as aulas com soluções e mediações para as dificuldades encontradas, de acordo com as limitações e peculiaridades de cada aluno.

Assim, a escola junto a disciplina de Educação Física cumprem o seu papel de agente integrador de todos os representantes da sociedade possibilitando a este aluno autista a oportunidade de se reconhecer como membro ativo da sociedade e para além do desenvolvimento de suas habilidades motoras e consciência corporal, este aluno se vê como um cidadão capaz de interagir com o meio, dentro e suas limitações e possibilidades (BELISÁRIO JÚNIOR; CUNHA, 2010).

### **3. METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa de observação participante, com abordagem qualitativa e corte transversal com registro em diário de campo. A observação participante possibilita ao pesquisador “captar diversas situações ou fenômenos que não são obtidos por meio apenas de perguntas, uma vez que o pesquisador vivencia o dia a dia da cultura estudada” (CAMPOS; SILVA; ALBUQUERQUE, 2021, p. 97).

O corte transversal indica que a pesquisa possui um tempo determinado para o começo, meio e fim (GIL, 2002). Quanto a abordagem é qualitativa, pois “esse tipo de análise tem por base conhecimentos teórico-empíricos que permitem atribuir-lhe cientificidade” (ZANELLA, 2011, p. 32). Quanto ao objetivo da pesquisa é descritiva, pois “procura conhecer a realidade estudada, suas características e seus problemas. Pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade” (ZANELLA, 2011, p. 34).

Os sujeitos da pesquisa são o aluno S.G<sup>3</sup>, do sexo masculino, diagnosticado com autismo, o professor de educação física e os demais alunos de educação física do 4º ano, de ambos os sexos, com faixa etária entre 09 e 10 anos, matriculados em uma EMEF do município de Serra-ES. Os estagiários atuaram como expectadores.

Os critérios de inclusão adotados foram: o consentimento do responsável legal e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), estar matriculado e frequentando regularmente as aulas, apresentar laudo, estar com a avaliação médica em dia, ter disponibilidade e interesse em participar da pesquisa. Os critérios de exclusão foram: não estar frequentando regularmente as aulas, não assinar o TCLE, ser de outra turma e não apresentar o laudo com diagnóstico autista.

O trabalho foi realizado em três etapas: a primeira etapa foi para recolher as assinaturas dos TCLE e autorização da escola. Quanto a segunda etapa, foram

---

<sup>3</sup> O aluno será identificado dessa forma para preservar a identidade.

realizados os registros das atividades desenvolvidas e observadas em um diário de campo. Finalmente, na terceira etapa, foi realizada a análise dos dados observados durante a pesquisa.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A amostra da pesquisa se deu com a participação dos alunos do 4º ano e o professor de Educação Física. O aluno S.G., alvo da pesquisa, possui laudo com diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista de grau 1, e estava devidamente autorizado por responsável legal a participar da pesquisa.

As atividades foram desenvolvidas durante o mês de outubro de 2023. O acompanhamento foi registrado através de diário de campo e será aplicado na pesquisa os principais fatos observados durante as aulas em quadros para a análise discursiva em forma de texto descritivo. Durante toda a observação o professor regente se manteve atento ao comportamento e desenvolvimento do aluno, bem como manteve-se solícito nas interações entre o pesquisador.

Para melhor análise em cada aula foram observados os fatores mais comuns, como desenvolvimento motor, sensibilidade e interação, a serem discutidos à luz da literatura para melhor compreensão acerca dos aspectos que definem o autismo e em como o indivíduo portador do transtorno se sente.

Em uma das atividades o professor organizou a turma em duas equipes para aplicar a atividade Queimada maluca. Orientou os alunos sobre as regras do jogo e aguardou que as equipes se organizassem para iniciar. O aluno S.G interagiu com a equipe e cumpriu com todos os comandos do jogo. Sua participação se deu de duas formas, na posição de queimador e na posição de fugitivo. Como fugitivo, foi observado uma interação de companheirismo com os demais alunos, ele manteve uma constante fuga da bola, demonstrando seu espírito de competitividade, mas acima de tudo respeito aos colegas e professor. Como queimador, foi observado uma dificuldade maior nos seus comandos, velocidade e principalmente tomada de decisão. Demonstrou dificuldade na sua coordenação motora, comparado aos demais alunos. Ao final da aula, foi considerado que houve a inclusão de S.G. na aula aplicada.

De acordo com Cunha (2016), os autistas com prognóstico nível 1 são mais autônomos nos mais diferentes contextos diários e são capazes de compreender regras e rotinas. No contexto social não possuem interesse em manter relações

sociais, mas buscam se manter por determinado tempo em situações de socialização, o que justifica a participação ativa do aluno durante a aula e a sua disponibilidade em seguir as regras e compreender que o grupo a que pertence precisa da sua interação e apoio.

No contexto das habilidades motoras, comumente os portadores de TEA apresentam atrasos na motricidade fina e grossa. Silva (2015), encontrou resultado semelhante ao aplicar atividades de nas aulas de Educação Física para um aluno com autismo do ensino fundamental e a presença de dificuldades motoras e a consciência corporal. De acordo com a autora:

O autista apresenta dificuldades em compreender o seu corpo em sua globalidade, em segmentos, assim como o seu corpo em movimento. O distúrbio na estruturação do esquema corporal prejudica também o desenvolvimento do equilíbrio estático, da lateralidade, da noção de reversibilidade; funções de base para a aquisição da autonomia e aprendizagem cognitivas (SILVA, 2015, p. 17).

De acordo com os achados de Silva, Prefeito e Tolo (2019, p. 78), as aulas de Educação Física melhoram as capacidades motoras dos autistas. As atividades propostas durante as aulas, principalmente quando direcionadas ao desenvolvimento da psicomotricidade melhoram o “desenvolvimento de habilidades motoras e nas relações sociais, configurando assim resultados satisfatórios, possibilitando que todos os alunos adquirissem uma aprendizagem expressiva” (SILVA; PREFEITO; TOLOI, 2019, p. 78).

Nesse sentido, Beltrami (2017) afirma que é relevante que o professor de Educação física esteja atento a estes sinais e planeje meios de intervir de forma rápida e assertiva, uma vez que a Educação Física é capaz de colaborar com a melhoria das habilidades do desenvolvimento motor entre alunos autistas promovendo qualidade de vida e autonomia.

Em um outro momento, o professor iniciou a aula com uma roda de conversa entre os alunos, fazendo uma introdução da atividade que seria realizada. Ele dividiu a turma em dois grupos, o grupo do aluno autista teve como atividade “2 toques”. O aluno demonstrou uma participação e interação muito ativa, porém seu desempenho em relação aos demais colegas foi inferior. No entanto, para o professor o resultado dessa aula foi melhor que em outras atividades anteriores, mostrando melhora no desempenho motor do aluno. O comportamento do aluno na aula ajuda-o no processo de inclusão, pois os colegas o têm como amigo, sendo considerado: Compreensível; Dócil; Educado; Amoroso; Flexível; Respeitoso e bondoso. O desafio maior não está

relacionado diretamente com a aula de Educação Física, a participação, a relação com professor ou relação com os colegas de classe, mas sim no seu comando e desempenho comparado aos demais alunos. O aluno aproveita ao máximo a aula de Educação Física. O jogo 2 toques consiste na interação entre 3 alunos na linha e um no gol. O objetivo é os alunos que estão na linha, tocarem a bola, entre eles, e posteriormente tentarem fazer o gol. O aluno que está no gol, deve fazer a defesa, com isso ele passará para a posição da linha, e o aluno que errou o chute perderá seu lugar na linha. Nessa aula, S.J. retornou para a sala de aula sozinho, chateado e triste. Após uma conversa com ele, foi identificada uma auto-insuficiência, o aluno alegou que nunca consegue fazer gol nas aulas de futebol ou futsal e nem no jogo que participou.

Os autores Félix, Santos e Asfora (2017), destacam a importância da intervenção do professor de Educação Física quando o aluno autista manifesta suas emoções, medos e anseios. Pois, a prática docente possui importante relação em auxiliar o aluno na aquisição das habilidades sociais e emocionais contribuindo para o seu crescimento intelectual, cognitivo e emocional.

Silva, Prefeito e Tolo (2019, p. 72), observaram em seus achados que:

As aulas de educação física poderão proporcionar ao aluno com TEA atividades que contribuam para seu desenvolvimento motor e melhore sua relação social, possibilitando a geração da autonomia, criticidade e reflexão, levando o aluno a geração de valores e objetivando a construção social do indivíduo.

Contudo, Santos e Sousa destacam (2016), que o professor deve estar atento ao desempenho do aluno e desenvolver atividades que sejam de acordo “com a realidade da criança em função da trade autística, se não o fizer pode acabar por dificultar a aprendizagem e até mesmo causar frustração” (SANTOS; SOUSA, 2016, p. 03), gerando desmotivação nesse aluno e até a recusa em participar novamente das aulas.

Em relação a interação das atividades em grupo, Proença e Santos (2020), afirma que a inclusão é um processo que traz benefícios tanto para o aluno com TEA, quanto para os demais alunos considerados típicos, pois todos têm de lidar com situações diferentes de suas rotinas habituais e dessa forma os alunos, através das aulas de educação física, desenvolvem a conscientização e aprendem a exercer a aceitação e aprender a conviver com as diferenças, que são marcos importantes no desenvolvimento social de todos os alunos.

Em outra situação, o professor ao iniciar a aula dividiu a turma em dois grupos, e posteriormente aplicou o jogo Queimada. O que chamou a atenção nessa aula foi a atitude agressiva ao ser confrontado pelos colegas, embora não tenha se tratado de uma provocação violenta. Dando continuidade, S.G. demonstrou que entendeu os comandos técnicos do jogo e conseguia correr da bola, de forma que os colegas não o queimassem, em um certo momento, o grupo adversário começou a dizer que só “faltava o aluno autista para ser queimado”, nesse momento S.G entendeu o anúncio como um confronto. E nesse momento, o aluno desenvolveu manifestou a sua insatisfação e teve um episódio de agressividade ao atacar o adversário com tapas. O professor logo interviu e pediu para o aluno autista tomar água, e o acalmou. Em seguida, o professor chamou atenção da turma pelo comportamento e falta de empatia para com o aluno autista. Quando ele retornou para a sala, ainda se encontrava extremamente nervoso, sem conseguir iniciar um diálogo sobre o ocorrido.

Em um estudo semelhante, Kubaski (2014), entrevistou 04 professores das séries iniciais que se depararam com o processo de inclusão de alunos autistas nas aulas de Educação Física. Nos momentos de agressividade, os professores relataram que afastavam os alunos do local e os acalmavam com conversas para evitar a continuidade da agressão aos colegas, semelhante ao que o professor de S.G. fez.

Embora as crianças autistas não estejam alheias a situações de estresse e manifestação de raiva como qualquer outra criança considerada típica, é relevante que no ambiente escolar suas emoções sejam tratadas com atenção e observação ao ambiente em que está inserida, uma vez que o processo de inclusão exige tempo e paciência e requer modificações e adaptações que favoreçam o desenvolvimento desses alunos, bem como a interação satisfatória entre toda a turma (PEREIRA et al., 2019).

No entanto, é relevante destacar que o comportamento agressivo não se destaca como uma característica ou embasa o critério diagnóstico para o autismo. O que ocorre é que diante de determinada situação o indivíduo autista expressa comportamentos agressivos quando se depara com dificuldade de comunicar determinada insatisfação ou necessidade. Nesse contexto, é relevante que o professor analise de forma contextual e cuidadosa todos os fatores envolvidos no ambiente em que o comportamento ocorreu mediando a situação com paciência e discernimento para que nenhum aluno seja prejudicado (CAMARGO et al., 2020).

## 5. CONCLUSÃO

A inclusão da criança portadora do TEA nas aulas de educação física se mostrou relevante para o desenvolvimento motor e social do aluno diagnosticado com TEA. Embora para o aluno não seja o suficiente, para o professor houve melhora nos aspectos motores durante as atividades físicas.

Durante a pesquisa foi possível observar muitas possibilidades de aprendizagem com a inclusão nas aulas de Educação Física. A persistência do professor em trabalhar principalmente a interação do aluno com a turma promoveu uma melhor adaptação ao processo de ensino, bem como estimulou entre os demais alunos situações de respeito, convivência com o diferente e senso de compartilhamento e socialização.

As atividades aplicadas não foram adaptadas para o aluno autista, contudo, o professor teve o cuidado de acompanhar e intervir quando necessário para que o aluno pudesse desenvolver sua autonomia e criticidade a partir de suas próprias experiências, o que culminou no esforço do aluno em realizar as atividades completas e buscar interagir com os demais alunos.

Conclui-se que a prática docente foi apresentada de forma consistente e relevante para a manutenção da inclusão de alunos com TEA nas aulas de Educação Física demonstrando a importância do vínculo entre professor e aluno e focando no desenvolvimento das habilidades corporais, sensoriais e sociais deste aluno.

## 6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F.B. **Aspectos relacionais da criança com autismo em situação de brincadeira**. 2019. 118 f. (Dissertação Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/11231>. Acesso em: 12 jun. 2023.

ARLINDO JUNIOR, F.L. Educação Física no ensino fundamental II: experiência pedagógica a partir do campo de estágio supervisionado III. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires - Año 18 - Nº 180 - Mayo de 2013. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd180/educacao-fisica-no-ensino-fundamental.htm>. Acesso em: 03 mai. 2023.

BELISÁRIO FILHO, J.F.; CUNHA, P. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar – Transtornos Globais do Desenvolvimento. **Ministério da Educação**, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 9, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=7120](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7120)

-fasciculo-9-pdf&category\_slug=novembro-2010-pdf&Itemid=30192 . Acesso em: 12 jun. 2023.

BELTRAMI, D.M. Dos fins da Educação Física escolar. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 12, nº 2, p. 27-33, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3743/2575>. Acesso em: 15 nov. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

BNCC. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_sit e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_sit e.pdf). Acesso em: 13 mai. 2023.

CAMARGO, S.P.H.C. et al. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. **Educação em Revista**|Belo Horizonte|v.36|e214220|2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/6vvZKMSMczy9w5fDqfN65hd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CAMPOS, J.L.A.; SILVA, T.C.; ALBUQUERQUE, U.P. Observação participante e diário de campo: quando utilizar e como analisar?. **Métodos de Pesquisa Qualitativa para Etnobiologia** (pp.95 - 112) Editora: NUPEEA, 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/351492815>. Acesso em: 19 nov. 2023.

CUNHA, E. **Autismo na Escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 5º ed. Rio de Janeiro: Wak, 2016.

DIAS FILHO, N.S. **A importância da prática da educação física nas escolas como método de socialização nos anos finais do ensino fundamental**. TCC (Graduação) – Universidade Federal de Pernambuco, CAV, Licenciatura em Educação Física, Vitória de Santo Antão, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/42675/1/DIAS%20FILHO%2c%20NA POLE%2c%20SANTIAGO.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2023.

DSM-5. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5.ed. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FÁVERO, M.A.; SANTOS, M.A. Autismo Infantil e Estresse Familiar: Uma Revisão Sistemática de Literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 358-69, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/fgLcDdLJcTJK9YJjVHhYTbG/?lang=pt&format=html>. Acesos em: 22 mai. 2023.

- FÉLIX, A.F.; SANTOS, A.G.L.; ASFORA, R. **As habilidades sociais de estudantes com transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil**. 2017. 30 f. trabalho de conclusão de curso (Pedagogia) - Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, PE, 2017. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39399/2403766/FELIX%3B+SANTOS%3B+ASFORA+-+2017.2.pdf/b516e446-6978-450d-972e-62da38997e0c>. acesso em: 15 nov. 2023.
- FREITAS, G.S. O autismo e o direito à educação. **Revista Direito & Consciência**, v. 01, n. 01, julho, 2022. Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/direitoeconsciencia/article/view/4117/2921>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- GONÇALVES, J. P. Ciclo vital: início, desenvolvimento e fim da vida humana possíveis contribuições para educadores. **Revista Contexto & Educação**, [S. l.], v. 31, n. 98, p. 79–110, 2016. DOI: 10.21527/2179-1309.2016.98.79-110. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/5469>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- JERUSALINSKY, A. **Psicanálise e desenvolvimento infantil**. 4ª ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2017.
- KUBASKI, C. **A inclusão de alunos com transtorno do espectro do autismo na perspectiva de seus professores: estudo de caso em quatro escolas do município de Santa Maria/RS**. 2014. 81 f. dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/7132/KUBASKI,%20CRISTIANE.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- LARA, F.M.; PINTO, C.B.G.C. A importância da educação física como forma inclusiva numa perspectiva docente. **Universitas: Ciências da Saúde**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 67-74, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://www.rel.uniceub.br/cienciasaude/article/view/4293/3494>. Acesso em: 01 mai. 2023.
- MACIEL, J.P.S. Educação Física Inclusiva e autismo: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 25, 6 de julho de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/25/educacao-fisica-inclusiva-e-autismo-uma-revisao-sistemica-de-literatura>. Acesso em: 21 mai. 2021.
- MACIEL, J.P.S. A importância das aulas de educação física na escola: uma revisão bibliográfica. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, Año 19, Nº 196, Septiembre de 2014. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd196/a-importancia-das-aulas-de-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 17 nov. 2023.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

MARINHO, A.; FOLLE, A.; ZUCHETTO, A. T.; CAMPBELL, C. S. G.; BATAGLION, G. A. Atividades lúdicas no atendimento multi e interdisciplinar para crianças com deficiência. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 125-39, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/43078>. Acesso em: 13 mai. 2023.

MEDEIROS, M.M. **O papel da educação física escolar para a contribuição na formação do adolescente para uma vida saudável**. 2016. 43 f. Monografia (Licenciado em Educação Física) - Faculdade Califiori, São Sebastião do Paraíso, MG: 2016. Disponível em: <http://calafiori.edu.br/wp-content/uploads/2019/09/O-PAPEL-DA-EDUCA%C3%87%C3%83O-F%C3%8DSICA-ESCOLAR-PARA-A-CONTRIBUI%C3%87%C3%83O-NA-FORMA%C3%87%C3%83O-DO-ADOLESCENTE-PARA-UMA-VIDA-SAUD%C3%81VEL.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2023.

MIRANDA, T. G.; GALVÃO FILHO, T. A. **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares**. Salvador: EDUFBA, 2012.

NAZARI, A.C.G.; NAZARI, J.; GOMES, M.A. Transtorno do espectro autista: discutindo o seu conceito e métodos de abordagem para o trabalho. *In*: Congresso Práticas pedagógicas e psicopedagógicas na perspectiva da diferença humana. **Anais...** Universidade Federal de Uberlândia, 2017. Disponível em: [https://eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/transtorno\\_do\\_espectro\\_autista\\_discutindo\\_o\\_seu\\_conceito\\_e\\_metodos\\_de\\_abordagem\\_para\\_o\\_trabalho.pdf](https://eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/transtorno_do_espectro_autista_discutindo_o_seu_conceito_e_metodos_de_abordagem_para_o_trabalho.pdf). Acesso em: 12 mai. 2023.

OLIVEIRA, F.L. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 34, 8 de setembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/joseph-autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>. Acesso em: 21 mai. 2023.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **CID -10: Classificação Estatística Internacional de Doenças**. São Paulo: Udesp, 2008.

PEREIRA, A. C. B. **Um estudo sobre a inclusão escolar, de avanços com transtorno de espectro autista**. 2018. 50 f. Monografia de conclusão de curso - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. 2018. Disponível em: <http://www.repositoriodigital.ufrb.edu.br>. Acesso em: 10 de mai. 2023.

PEREIRA, S.A. et al. Educação física escolar para crianças com transtorno do espectro autista: contribuições para professores(as) de educação física. **Revista Saber Acadêmico**, Presidente Prudente, n. 28, p. 2-15, jul./dez. 2019. Disponível em: [https://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20200904093818.pdf](https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20200904093818.pdf). Acesso em: 12 jun. 2023.

PROENÇA, H. D.M.; SANTOS, M.S. Educação física, TEA e inclusão escolar: percepção dos alunos do último ano de licenciatura em educação física da fait sobre o tema. **Revista científica eletrônica de ciências aplicadas da FAIT**. v. 16 n. 2. Novembro, 2020. Disponível em: [http://fait.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/kmgU9qtt6iLVXua\\_2021-2-2-15-59-55.pdf](http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/kmgU9qtt6iLVXua_2021-2-2-15-59-55.pdf). Acesso em: 15 nov. 2023.

SANTOS, J.M.; SOUSA, M.S.B.O. A contribuição da educação física no desenvolvimento integral do aluno com transtorno do espectro autista – TEA. *In*: VII FIPED, Fórum Internacional de Pedagogia. **Anais...** Editora Realize, 2016.

Disponível em:

[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2016/TRABALHO\\_EV057\\_MD1\\_SA6\\_ID3806\\_27092016203645.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2016/TRABALHO_EV057_MD1_SA6_ID3806_27092016203645.pdf). Acesso em: 15 nov. 2023.

SILVA, R.H.R.; SOUSA, S.B.; VIDAL, M.H.C. Educação física escolar e inclusão: limites e possibilidades de uma prática concreta. **Revista Especial de Educação Física** – Edição Digital nº. 2 – 2005. Disponível em:

[http://www.nepecc.faefi.ufu.br/arquivos/simp\\_2004/1.escola\\_educ\\_fisica/1.8\\_ef\\_escolar\\_inclusao.pdf](http://www.nepecc.faefi.ufu.br/arquivos/simp_2004/1.escola_educ_fisica/1.8_ef_escolar_inclusao.pdf). Acesso em: 21 mai. 2023.

RODRIGUES, O.M.P.R.; MELCHIORI, L.E. **Aspectos do desenvolvimento na idade escolar e na adolescência**. São Paulo: UNESP, 2014. Disponível em:

[https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155338/3/unesp-nead\\_reei1\\_ee\\_d06\\_s01\\_texto01.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155338/3/unesp-nead_reei1_ee_d06_s01_texto01.pdf). Acesso em: 13 mai. 2023.

SANCHES, T.T.B.; TAVEIRA, L.S. Autismo: uma revisão bibliográfica.

**InterSaberes**, v.9, vol. 18. 2020. Disponível em:

<https://cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1356>. Acesso em: 13 mai. 2023.

SILVA, I.C.P.; PREFEITO, C.R.; TOLOI, G.G. Contribuição da educação física para o Desenvolvimento motor e social do aluno com Transtorno do espectro do autismo. **Rev. Assoc. Bras. Ativ. Mot. Adapt.**, Marília, v.20, n.1, p.71-80, Jan. - Jun., 2019.

Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/9072>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SILVA, M.C. **Autismo**: estudo de caso, problematizando as questões do movimento humano. 2015. 30 f. Monografia de especialização (Especialização em educação física infantil e anos iniciais) – Universidade Federal de Santa Maria, Quaraí, RS, 2015. Disponível em:

[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19269/TCCE\\_EFIAI\\_EaD\\_2015\\_SILVA\\_MEIRE.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19269/TCCE_EFIAI_EaD_2015_SILVA_MEIRE.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 16 nov. 2023.

WILLIAMS, C., WRIGHT, B. **Convivendo com o autismo e síndrome de Asperger**: estratégias para pais e profissionais. São Paulo: M. Books do Brasil, 2018.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. rev. atual. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011.